



Neste breve colóquio com ALVES sobre o seu livro – *A Produção da Escola Pública Contemporânea* - procuro acrescentar, ao debate, novos conteúdos sobre a instrução do homem em França setecentista.

Palavras-Chave: Instrução pública; engendramento e organização pedagógica;
a Enciclopédia em França setecentista.

In this brief discussion with Alves about his book – “The Production in the Current Public School” – I try to add to the debate new information about the instruction of men in France in the eighteenth century.

Keywords: Public instruction; originate and Pedagogy organization;
The Encyclopaedia in Eighteenth Century França.

*Nas Pegadas do Iluminismo,
os Ensaios Para a Formação do
Homem das Luzes e os Móveis
para a Produção da
Escola Pública Contemporânea
Um Colóquio com ALVES*

Olga Maria
dos Reis Ferro

Mestranda em Educação
pela UFMS e Técnica
Pedagógica da Diretoria de
Desenvolvimento
Profissional na Secretaria
de Estado de Educação/
Campo Grande/MS.

Introdução

A Produção da Escola Pública Contemporânea é o título de mais um clássico publicado por Gilberto Luiz Alves em 1998 e, desta vez, pela Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação – UNICAMP. Alves produziu essa obra com o intuito de dar conseqüência à sua pesquisa em torno do surgimento da escola pública - universal, laica, obrigatória e gratuita - iniciada de longa data, em tempos de seu mestrado e, agora, coroando com seu pós-doutoramento e a publicação deste valioso trabalho.

A Produção da escola Pública Contemporânea, é uma obra que chegou ao meio acadêmico e a outros setores da sociedade numa hora muito propícia para a revigoração do debate em torno da crise endêmica em todo âmbito social e, como tal, na educação. Esta, a crise, produz assuntos tão presentes e necessários às pautas de discussões, cujos conteúdos didáticos atuais, ou não, nem sempre dão respostas às singularidades dos problemas educacionais. Neste sentido, o Livro de Alves tem sido um visitante esperado.

Na extensão de sua obra Alves instiga o meio acadêmico a dar conseqüências às diferentes possibilidades de pesquisa construídas por ele. Portanto, foi esta provocação que permitiu-nos a prazerosa, porém difícil,

dado que teórica, interlocução com ele, e também com outros autores, que por esta ocasião somam-se a nosso colóquio.

Abraçando a oportunidade instaurada, pretendemos colocar com Alves a partir do mesmo pressuposto teórico apresentado em sua obra, o que implica conceber o homem enquanto ser so-

ção para o homem das 'luzes' e, esta, os móveis à produção da escola pública, e também, o desencadeamento da Revolução Francesa? Intentamos, por conseguinte, enriquecer e aprofundar o diálogo ancorados nos conteúdos contidos na bibliografia citada por Alves e, também, na que selecionamos¹.

Trata-se, assim, de dar importância ao conteúdo concreto da atividade humana e percebê-lo como constitutivo da verdadeira realidade do homem.

cial que produz, a ele mesmo, através de sua atividade laborativa. Trata-se, assim, de dar importância ao conteúdo concreto da atividade humana e percebê-lo como constitutivo da verdadeira realidade do homem, porque é ele o determinante da condição de vida deste, até mesmo quando esta, sob as contradições da sociedade de classes, não se contempla nos direitos construídos em âmbito social e político. Este é, portanto, o chão adubado do fato humano, cuja captação real impõe o rigor do método histórico.

Destacamos à essa interlocução, somente o capítulo I – *A PRODUÇÃO DA IDÉIA DE ESCOLA PÚBLICA*, visto que nosso intuito, já expressado no título, será o de discutir fatores relevantes à produção material da escola pública na França do século XVIII, correspondentes ao que havia lá nesse tempo. Referimo-nos, mais especificamente, à produção intelectual de Diderot, D'Alembert, Condorcet, entre outros, expressada na *Enciclopédia ou Dicionário Raciocinado das Ciências, Artes e Ofícios*, dado que nas leituras promovidas em obras de estudiosos do período em pauta, suscitou-nos o seguinte questionamento: em que medida o efervescente movimento Iluminista francês influenciou a reformulação da instru-

Nosso propósito não é refutar o pensamento de Alves, ao contrário, é antes de tudo, identificar e apreender o pensamento dele e, principalmente,

nesta trajetória, encontrar as trilhas que ele, como grande pesquisador, abre às diferenciadas possibilidades de recepção e interlocução com outros textos que possam acrescentar conteúdo novo ao objeto em debate.

Os caminhos da Pesquisa na Produção de Alves

O trabalho investigativo de Alves perseguiu como objetivo principal, no primeiro capítulo de seu livro - *a idéia burguesa da escola pública*. Sua abordagem sobre a idéia burguesa da escola pública - origens e fatores determinantes -, prioritariamente, buscou apreender as *interações entre as causas centrais e as complementares* que marcaram o engendramento da escola pública nas nações européias mais avançadas.

Das causas *centrais e complementares*, abstrai-se a raiz essencial do trabalho de Alves, pois elas contêm a chave para a apreensão da totalidade do livro *A Produção da Escola Pública Contemporânea*. Entendê-las é entender, também, por que o livro, embora persiga um objeto já tão discutido por outros pesquisadores, faça a diferença entre eles e acrescente conteúdo novo. Das causas centrais Alves apreende,

¹ Ver bibliogr. in finish.

nas fontes clássicas e documentais, mais especificamente nas da França setecentista, - *as finalidades, os princípios e os objetivos gerais da instrução pública, além de suas propostas básicas*. Já, em relação às causas complementares, Alves incide diretamente sobre o nó górdio da questão:² *as condições materiais* – políticas e econômicas - para a concretização, de fato, da instrução pública daquela sociedade setecentista. Daí a sua veemente discordância com Ponce, quando este afirma em seu livro, *Educação e Lutas de Classes*, que as idéias intelectuais burguesas em torno da instrução da escola pública eram enganosas e far-santes à população por não terem se concretizado de fato, no plano político. À leitura desta questão, primeiramente Alves a retira da dialética idealista e a recoloca sob a perspectiva *material histórica* e, por fim, diz que os limites impostos à realização e disseminação da escola pública naquela época justificam-se nas causas materiais e logo, também, de alçada política governamental e não, somente, das questões centrais presentes nas produções dos clássicos. Agora, Alves esclarece, em seu livro, que estes elementos na realização do objeto são dependentes e subordinados entre si. Na seqüência da crítica a Ponce quando este interpreta o *Raporte*³ de Condorcet, por um única via. Diz Alves:

No nível genérico em que são formulados os elementos centrais desse documento, como se verifica, não se revelam os limites materiais da sociedade. Tal constatação permite recolocar a idéia de que são os elementos complementares que cumprem esse papel. Mas esses elementos complementares não podem ser automatizados, pois se subordinam aos princípios, finalidades, objetivos e propostas básicas. São, por seu turno, muito mais do que seus elementos subordinados; são seus complementos indissociáveis e necessários. Nessa perspectiva, enquanto os elementos complementares passam a ser tomados como expres-

são de condições necessárias para o entendimento dos limites referentes aos elementos centrais, estes, como decorrência, começam a ser compreendidos como rumos políticos e não como propósitos imperativos que exigem realização imediata. (Alves. 1998. p. 40).

Entendemos que este esclarecimento, desvela ao leitor os caminhos percorridos por Alves em sua produção, mas há ainda uma outra questão que merece atenção; Alves, em sua obra, no que diz respeito aos elementos centrais, coloca em pauta a produção intelectual da França setecentista, ou seja, a produção de idéias do movimento revolucionário em torno da ilustração. À primeira escuta, esta revelação proporciona ao leitor a possibilidade de pensar o século XVIII, revolucionário e Iluminista, como utópico, juntamente com todos seus pensadores, como freqüentemente escrevem alguns críticos. Por isso explicitamos que as idéias – produção intelectual – a que Alves se refere, não devem ser tomadas como utópicas, pois mesmo no âmbito da divergência e, ainda, no isolamento próprio do pensador, elas não foram concebidas no reino do arbítrio dos homens; são idéias cuja produção, é sempre social, ou seja, é o resultado da objetivação histórica da atividade humana, em seu tempo e sociedade. Portanto, fruto das determinações gerais oriundas do processo de múltiplas sínteses abstraídas do movimento de sua produção. Isto quer dizer que, o concreto pensado – a idéia - a que Alves se refere, não é o real idealmente pensado e, inicialmente captado pela intuição e pela representação, mas a unidade do diverso. A esse respeito, bem mais tarde no século XIX, Marx escreve que:

Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. (Marx. 1982. P.14).

² Segundo Alves: “são os elementos complementares que permitem captar as condições e os limites materiais concretos da nação alvo da proposta de difusão da escola para todos”. (Alves. 1998. P. 39).

³ Documento escrito por Condorcet, em defesa da instituição da escola pública à todos e que foi apresentado inicialmente na Assembléia Legislativa, em 30 de janeiro de 1792, na França.

É neste sentido que apreendemos as idéias de produção da escola pública em França setecentista referidas na obra de Alves, “elas não surgiram de modo acabado na mente de Adão e de Prometeu e postas em uso”. (Marx. 1982. P.4). Surgiram, portanto, a partir das relações sociais de produção da realidade humana, tanto nos processos produtivos ocorridos nas relações sociais de tensão, quanto nos processos de distensão social. Portanto, justamente por ter sob sua orientação o fundamento material histórico, a produção das idéias reflete a vida e a sensibilidade humana, por isso pensadas, planejadas, decantadas, reelaboradas e, posteriormente, efetivadas (realizadas), de acordo com as condições materiais existentes na sociedade de sua produção.

Apreendidas, no plano prático-teórico, a questão das idéias, caminhamos pelas trilhas de pesquisas construídas por Alves em torno da produção intelectual na França setecentista. Ao analisar a vertente revolucionária francesa, Alves evidencia que suas conclusões, a respeito dela, foram abstraídas a partir de demorada leitura e estudo dos clássicos franceses, por considerar de grande importância a produção intelectual destes pensadores ou políticos, para o engendramento da escola pública em França. Ele diz:

A própria Ilustração havia deixado um legado significativo de reflexões sobre a educação, que se incorporou ao patrimônio revolucionário. (Alves.1998. p.37).

Que conteúdos portaria a ilustração a ponto de se configurar num legado de reflexões em torno do engendramento da escola pública? E, por que este conteúdo foi incorporado ao patrimônio revolucionário? Aceitando o desafio provocador de Alves e acreditando existir conteúdos no seio do movimento revolucionário enciclopedista, a respeito da organização didática no século XVIII, - a acrescentar ao debate - lançamos fogo às tochas e enveredamo-nos pelas trilhas construídas por nosso interlocutor.

As idéias pedagógicas em torno do progresso humano no século XVIII

O século XVIII, metaforicamente, foi como um berço de ouro onde repousaram revolucionariamente as idéias pedagógicas para o desenvolvimento do espírito humano. A pedagogia política, ou seja, a pedagogia que marcou a luta para tornar a escola pública, universal, laica, obrigatória e gratuita, teve nas pessoas de Diderot, Condorcet, Lepelletier, La Charlotais, entre outros, todo empenho para sua concretização. Neste sentido, surge a pedagogia da ilustração, cujo principal instrumento de luta política foi o movimento enciclopedista – veículo de luzes ao progresso humano nos diferentes cantos do território, independentemente de classe social ou do grau de esclarecimento do homem; graças à imprensa de Gutemberg e à idéia (necessidade política), de unificação das línguas.

O homem das luzes portava um traço que reivindicava dele a produção de um conhecimento cujo significado distanciava-se do preconizado pelo pensamento humanista medieval, que aprisionava a consciência do homem pela ciência da fé. Durkheim, em seu livro *A Evolução Pedagógica* promove uma retrospectiva histórica, a respeito da influência do cristianismo no ensino do homem. Ele diz o seguinte: “Para o cristianismo, ao contrário, a mente, a consciência do homem é a coisa sagrada e incomparável; pois a alma, esse princípio de nossa vida interior, é uma emanção direta da divindade. O mundo por sua vez, define-se pela matéria, e a matéria é a coisa profana, vil, degradante é a antagonista da mente, é a fonte do mal e do pecado”. (Durkheim. 1995. P.263). Na verdade, Durkheim apresenta duas grandes contribuições: a primeira, sobre o pensamento da ciência da fé que “cegava” o homem para as coisas do mundo e a segunda, sobre a diferença entre o pensamento do homem da fé e o homem da matéria; este,

para os ideais escolásticos era essencialmente profano, na medida em que procurava conquistar as coisas do mundo suprimindo a luz de Deus em favor da luz do mundo. “Entre a mente e as coisas (a matéria) há toda a distância que separa o espiritual do temporal. Assim, Deus abandonou desdenhosamente o mundo aos livres empreendimentos dos homens, *tradit mundum hominum disputationi.*” (Manacorda. 1996. P. 235.) Logo, cristaliza-se, de um lado, a evidência de que o feudalismo empunhava uma bandeira marcada pela redenção através da fé ou do ‘pagamento do pecado’ amparado pelo poderio político da Igreja a seu favor. E, de outro lado, ergue-se a bandeira da nascente sociedade pautada nas ciências como fonte de saber prático e na vontade política em materializar seus ideais.

Assim, o século XVIII aponta para uma concepção de homem livre do ‘pecado original’ e de todo ideário feudalista. Portanto, um homem preocupado com outros temas de reflexão a respeito da política, cultura, moral, ciências, comércio e trabalho e, imanente a esses temas de discussão, a instituição da escola pública para todos e, também, outras tentativas de organização pedagógica além daquelas apresentadas por Comênio. Os novos temas, oriundos de uma necessidade criada pelo próprio homem, marcam o que muitos pensadores e filósofos, denominam de Iluminismo. Neste sentido, conjectura Manacorda:

O descobrimento dos novos mundos coloca em crise a descoberta do mundo antigo; ou, em outros termos, o iluminismo põe definitivamente em crise o humanismo. Contribuíram para o surgimento desta crise a mencionada querelle des anciens et des modernes, com a sua polêmica antilingüística e antigramatical, da qual saíram derrotadas não somente a hipótese comeniana do latim como instrumento, que não é mais nem a língua humanística nem a histórica. (Op., Cit., 1996. P. 235).

Entretanto, a construção histórica das idéias do século XVIII, principalmente em torno da instrução do homem, produz-se num misto de independência e dependência do antigo regime. Isto, porque o ideário feudalista de ensino, de onde, o trivium e o quatrivium, figuram como uma herança vai se filtrando indolentemente nas novas idéias pedagógicas, principalmente no que essa herança tinha de mais forte no humanismo e de mais combatível no iluminismo, a retórica vazia e as línguas mortas. Manacorda, ao descrever as idéias e conquistas que marcaram o século XVIII, é tributário da idéia de que o velho está posto no novo, na medida em que este não se faz hegemônico. Segundo ele:

“Se considerarmos as conquistas ideais da burguesia revolucionária (liberal-democrática) durante o setecentos no que diz respeito à instrução, podemos sintetizá-las em poucas palavras: universalidade, gratuidade, estabilidade, laicidade e, finalmente, renovação cultural e primeira assunção do problema do trabalho. Até mais, relendo a discussão da Assembléia Legislativa na França em 1792, sob ao aspectos da instrução (“literária, intelectual, física, moral e industrial”), apesar da inevitável desconfiança perante tais classificações, poderemos reconhecer neles o eco de classificações mais antigas e os primeiros sinais de uma nova classificação (grifo nosso). De fato, que outra coisa é a instrução literária senão uma elaboração moderna da representação formal para as artes

O século XVIII aponta para uma concepção de homem livre do ‘pecado original’ e de todo ideário feudalista. Um homem preocupado com outros temas de reflexão a respeito da política, cultura, moral, ciências, comércio e trabalho.

do trívio (as letras são a gramática essencialmente), e que outra coisa é a instrução intelectual senão a instrução concreta nas artes do quadrívio (as ciências naturais)? E a instrução física, o que é senão a representação para o “fazer” da guerra, more Francorum? E a instrução moral senão a “aculturação” nas tradições e nos costumes dominantes, até mediante um “ceticismo republicano”? e, enfim, o que é instrução industrial, senão o fato novo através do qual se procura, pela primeira vez, superar a antiga separação entre escola e treinamento, assumindo na instituição-escola, ambiente tra-

dicional dos adolescentes separado do trabalho. (Op., Cit., p.269).

A análise de Manacorda parte do princípio de que a produção das idéias em torno da organização pedagógica para instrução do homem novo, iam se constituindo em processo, aliás, nem a própria escola pública havia sido ins-

O novo para romper com o passado e se tornar hegemônico depende das condições materiais de sua produção e efetivação.

tituída, seria, portanto, uma construção histórica, na qual ia se evidenciando que a concepção do homem antigo não correspondia às necessidades do homem do século XVIII. Porém, na medida em que socialmente vai se operando essa construção, o novo, embora seja germinado na idéia de ruptura está, em certa medida, marcado pelo velho. Mesmo porque o novo para romper com o passado e se tornar hegemônico depende das condições materiais de sua produção e efetivação. Assim, dizer que as idéias passadas foram mortas pelo Iluminismo e, ainda, que a produção intelectual Iluminista não se faz presente em nossos dias, seria o mesmo que pensar a concepção do homem utopicamente, ou seja, isolada de sua produção material. A esse respeito, o livro de Alves discute no capítulo II, em - *A escola que se universalizou* -, a influência exercida por Comênio na simplificação do trabalho didático, em nossas escolas, até os dias atuais. É ilustrativo também desta questão, o que preconiza D'Alembert, no discurso preliminar da *Enciclopédia ou dicionário raciocinado das ciências, das artes e dos ofícios* (Diderot. 1979), sobre o desenvolvimento das ciências; dizia ele, que estas surgiram na Grécia antiga, dormiram na Idade Média e ressurgiram reelaboradas no movimento enciclopedista e, segundo Condorcet, reves-

tidas por uma filosofia que não procurava apenas fazer “*teólogos e palradores*”, mas formar homens ilustrados.

Assim, nesse tempo, no campo divergente da filosofia vão-se constituindo através da produção intelectual do movimento enciclopedista, tanto em âmbito político quanto social, os móveis para

a organização pedagógica e para a instituição da escola pública. O século XVIII, segundo Luzuriaga:

Filosoficamente, é “o Século das Luzes”, “da Ilustração”, da Aufklärung.

Nesse movimento aparecem mescladas as idéias do sensualismo e do idealismo, do empirismo e do racionalismo de séculos anteriores. Seus pensadores não são grandes filósofos originais como os do século anterior, Descartes, Leibniz ou Locke, nem como os que haviam de vir, Kant, Fichte ou Hegel, são antes divulgadores, que expõem as idéias didática e literariamente. Sua expressão é encontrada nos “enciclopedistas”, tais como Diderot, D'Alembert, Voltaire e outros muitos. Todos coincidem no reconhecer a supremacia da razão. (Luzuriaga. 1969. P. 149).

Eis, portanto, alguns elementos que nos subsidiam a apreender o caldeirão de idéias efervescentes do século XVIII em França. Destacamos principalmente, as do meio do século que desaguarão no rio de propostas para a instituição da escola pública, - universal, laica, obrigatória, e gratuita. Portanto, é assim que, - em meio às contradições nos planos político, econômico e social em França setecentista - as raízes intelectuais do movimento revolucionário burguês marcaram o progresso humano.

A Enciclopédia

O best-seller do movimento revolucionário em França setecentista e, tardiamente, noutros cantos do mundo

O século XVIII registra de forma inédita um período de construção histórica do progresso das civilizações, e neste

sentido, o ideário intelectual produzido e expressado, principalmente pela *enciclopédia ou dicionário raciocinado das ciências das artes e dos ofícios* - maior documento cultural daquela época - marca profundamente essa trajetória. O principal pensador iluminista francês envolvido na produção deste documento foi Denis Diderot⁴, que em 1745, por convite dos livreiros Briasson, Durand e David, aceitou a tarefa de traduzir do original em inglês para o francês os dois volumes da *Enciclopédia Ou Dicionário Universal Das Artes E Ciências - Cyclopedia or Universal Dictionary of Arts and Sciences* - , publicados em 1728, pelo inglês Ephraim Chambers, além de coordenar a publicação e a distribuição de oito mil exemplares de cada volume.

Para esse trabalho, Diderot convoca um grupo de intelectuais que, embora discípulos de vertentes filosóficas diferentes, comungavam o mesmo pensamento revolucionário. São eles: *Voltaire, Montesquieu, D'Alembert, Condorcet, Rousseau, Quesney, Tourgot, Mallet, Dumarsais e Marmontel*, com destaque à maior participação de D'Alembert, que passa a ocupar o cargo de co-diretor de assuntos científicos. Rousseau, responsabiliza-se pela música; Dumarsais cuida da gramática e ao abade Mallet, cabe a tarefa dos escritos em teologia. O próprio Diderot se encarrega da produção dos textos sobre história, filosofia, ofícios, artes técnicas e, também, os demais assuntos para os quais não achasse redator. Registra-se que esse fora o maior espaço político de que Diderot buscara a fim de disseminar suas idéias revolucionárias em torno da ciência, filosofia, ética, moral, política, artes e ofícios e quaisquer outros assuntos educacionais. Num artigo publi-

cado na Enciclopédia, Diderot explica, sob orientação iluminista, os objetivos de seu trabalho:

Agrupar todo o saber espalhado pela terra; explicar seu plano geral aos homens de nossa época e transmiti-lo aos que vierem depois de nós, para que o trabalho dos séculos passados não seja inútil aos tempos futuros; para que nossos descendentes, em se tornando mais bem informados, possam, conseqüentemente, ser melhores e mais virtuosos; para que não morramos sem ter merecido o bem do gênero humano. (Bowns. 1969. P.94).

Expressa-se aqui, o objetivo claro de romper com a metafísica filosófica dos séculos anteriores que postulavam os conhecimentos científicos a partir de cadeias desconexas dos fatos humanos, espirituais e naturais de forma fixa, rígida, organizados um após o outro. Diderot, com o firme propósito de dar conseqüência à suas idéias materialistas, pretende realizar o agrupamento - sem contudo perder cientificidade - de todo conhecimento produzido historicamente, de forma a torná-lo disponível e acessível a todos os homens e mulheres de sua época e também, de épocas futuras. É expressiva a crença otimista na possibilidade de transformar o mundo através do progresso do espírito humano, idéia esta que mais tarde é reforçada e sistematizada por Condorcet em seus textos, também publicados na Enciclopédia. A materialização deste princípio vai se realizando na medida em que os conteúdos pragmáticos da Enciclopédia, didaticamente organizados, opõem-se ao ideário escolástico e às prerrogativas da nobreza e do clero, ora denunciando as superstições do conhecimento dogmático, e ora reverenciando à ciência da razão. Neste sentido, os verbetes são produzidos sistematicamente, orientados pelos princípios da universalização dos conhecimentos - contidos nas propostas de reordenamento

⁴ " Intentar resumir brevemente la vida y personalidad de Denis Diderot supone aceptar un enfrentamiento con todo el gran siglo XVIII, con las luces que le dieron su nombre y también con sus sombras. Sólo la vida de Voltaire tuvo mayor proyección que la del director de la Enciclopedia en el ámbito de la Europa culta y ni aun esa simboliza mejor la imagen - incrédula, razonadora, cientificista, libertina, virtuosa, refinada, materialista, optimista - de la ilustración. No basta con señalar que Diderot fue plenamente un hombre de su tiempo, con todos sus vicios y virtudes; hay que destacar que su tiempo fue tal, en no desdeñable medida, por Diderot." Savater, Fernando. *Diderot. Escritos Filosóficos*. 1983. P. 9.

do processo de instrução - e da construção da consciência iluminada.

Assim, a Enciclopédia, em 1757, com mais de quatro mil assinantes espalha no interior da elite intelectual suas idéias e, fora esta mesma elite, que pelo discurso as propagara nos mais diversos ambientes e camadas sociais. Segundo Boto, isso era possível porque:

Os verbetes complementar-se-iam uns aos outros, multiplicando na sociedade o contingente de letrados, que - acreditava-se - estariam mais propensos a alcançar a virtude. Entende-se que os conhecimentos estariam todos ligados entre si, formando com isso uma cadeia passível de ser examinada pela curiosidade humana. A cultura do escrito vinha, naquela sociedade, pouco a pouco, se impondo, e substituindo os antigos e tradicionais espaços da oralidade. (Boto. 1996. P. 34).

A organização didática expressa da nos verbetes da Enciclopédia, segundo Boto, alimenta a potência de sua divulgação, de modo a reforçar nos homens, a crença nas conquistas ilimitadas sobre a natureza como um todo e, ainda, levá-los a perceber as relações intrínsecas que se apresentam entre os conhecimentos da cultura universal elaborada e o progresso da humanidade. Pode-se dizer que, a partir desta obra, surge o início de uma pedagogia didaticamente organizada para ser partilhada numa ampla abrangência e cuja dimensão de seu conjunto de idéias influenciaram não só a relação do homem na forma de apreender e conceber a natureza, como também, com relação à filosofia, economia e à política. Assevera Boto:

Opondo-se à ordem escolástica e às prerrogativas da natureza e do clero, a Enciclopédia estaria em perfeita sintonia com a atmosfera intelectual do século XVIII francês, por denunciar o obscurantismo imposto pelas pretensas verdades aceitas como dogma e pelo alcance da superstição, o conteúdo programático da obra referencia a si próprio o que supõe serem os emblemas da razão. Sendo assim, a abrangência dos temas tratados leva ao limite as propostas vigentes de um reordenamento social perante códigos outros, que pudessem ser norteados pelas luzes do conhecimento racional. (Boto.1996.P. 39).

No Brasil, a Enciclopédia influenciou sobremaneira o ideário filosófico contido nos Estatutos do Seminário de Olinda, fundado e dirigido pelo Bispo Azeredo

Coutinho. Segundo Alves: “ não deve ser omitido o fato, ainda, de que o entendimento contido nos Estatutos é perfeitamente correspondente à concepção da Enciclopédia, a grandiosa construção do iluminismo francês.”(Alves. 1993. P. 134) Os próprios editores brasileiros, a respeito da repercussão internacional que a obra teria provocado, diziam que: “ as idéias da Enciclopédia encontraram ressonância em todos os recantos do mundo civilizado, no século XVIII. Naquele quadro, não ficou de fora o Brasil. De passagem, deve ser lembrado que não foram imunes às suas idéias os nossos Inconfidentes. Junto com D. João VI, desembarcaram alguns fiéis leitores dos ‘philosephes’. O movimento abolicionista, bem como as lutas republicanas, receberam do enciclopedismo, ainda que tardiamente, um sopro de estímulo e iluminação.” (Apud Boto. p. 40). Entretanto, a Enciclopédia não significou um marco de ruptura com as antigas idéias em seu tempo, até porque, principalmente no campo político não encontrou as condições materiais necessárias à sua consolidação. Numa interlocução entre Boto e os editores brasileiros, sobre os percalços da Enciclopédia, vimos que ela foi:

Considerada um dos alicerces teóricos da modernidade, a Enciclopédia traz a público as novas e antigas idéias daqueles homens que, presenciada as inúmeras transformações de seu tempo, ousaram inventariar o repertório simbólico que pretendiam oferecer como legado às gerações vindouras. Subversiva, a iniciativa editorial foi mais de uma vez criticada. Como recordam Marques Neto e Reis de Andrade, “ Foi censurada na Sorbone, estigmatizada pelo Parlamento e condenada pelo Papa Clemente XIII, em 1759...como não podia deixar de acontecer, teve mais de uma vez proibida a sua publicação, por ordem real. (Op., Cit., p. 40).

Por se tratar de um instrumento máximo de difusão das idéias Iluministas, a Enciclopédia jamais estaria imune aos percalços ideológicos, pelo simples fato de sua entrada e permanência junto ao público. Revisitando sua história vimos que o primeiro volume desta obra aparece no mercado francês em 01 de julho de 1751; o segundo em em 1752. Depois disso, dado ao impacto político e revolu-

cionário de suas idéias sobre o povo, a obra é suspensa pelo clero e pela nobreza e estaria provavelmente findada, se não fosse a intervenção de Madame Pompadour junto à segmentos da nobreza. Derrubado o veto, em 1753 sai o 3º. Volume, e daí por diante, na medida do possível, em cada ano é lançado um volume, chegando ao lançamento do 8º em 1757. A partir de então, o projeto enciclopedista é atingido por problemas os mais variados; o pior deles em 1759, de natureza externa, vinha da oposição extremada da Igreja e outro, de natureza interna e bastante constrangedor, provinha da discórdia ideológica entre os contribuidores na escritura da obra; por conta de tal evento D'Alembert retira-se do grupo e Diderot, segue sozinho na coordenação e direção da publicação até 1772, data de seu fim.

Apesar do otimismo exagerado de seus escritores, do ponto de vista da pedagogia política, este documento fez diferença: infiltrou idéias revolucionárias grafadas em suas páginas nos mais diferentes lares e nas mais diversas camadas sociais da população; influenciou sobremaneira o desencadeamento da Revolução Francesa. Entretanto, não se pode dizer que influenciou a organização pedagógica escolar, além do que Comênio já havia influenciado com sua Didática Magna. Mas se pode dizer que no plano político, a Enciclopédia, foi o best-seller do movimento revolucionário intelectual francês; veículo que levou às pessoas as idéias inéditas sobre as luzes e sobre o homem, também inédito, que es-

tava nascendo em cada um. A Enciclopédia gestada deste ideário significou, portanto, um instrumento forte, poderoso e estratégico para divulgar as idéias necessárias à formação de novos conteúdos e atitudes frente ao estado de vida humana que se processava em França setecentista.

Pode-se dizer que, a partir desta obra, surge o início de uma pedagogia didaticamente organizada para ser partilhada numa ampla abrangência.

À guisa de conclusão

As reflexões que tecemos ao longo deste texto nos leva a concluir não ser pueril afirmar que, a produção intelectual Francesa, em parte, grafada nas páginas da *Enciclopédia* significou um passo decisivo na organização do trabalho educativo de consciência crítica, cujos princípios foram pautados em bases históricas. A França setecentista portava, em âmbito político, o que Marx chamava de 'terreno adubado', pronto para receber a nova forma que fora se afluando. Neste campo destacamos, portanto, o movimento enciclopedista como pólo irradiador de várias frentes de batalha, entre elas: a) a formação e aglutinação de nova consciência política; b) os móveis para a instituição da escola pública - laica, obrigatória, universal e gratuita; c) a ruptura com os paradigmas de filosofia e ciência pautados na metafísica de base escolástica, portanto, reivindicação de uma nova organização didática de ensino, no e para o qual a *Enciclopédia* assinala como pioneira⁵; d) os móveis para a defla-

⁵ In MICHELET, vimos: " Mas a ordem ainda é impossível. Da natureza que ferve e se anima, como no despertar do Etna, Flameja um vulcão imenso (ver nota). Toda ciência e toda arte dele irrompem... ocorrida a erupção, uma massa permanece, mescla de escórias e de ouro, massa enorme: a *Enciclopédia*." e a nota de rodapé deste trecho dizia; " Diderot publica em 1751 os dois primeiros volumes da *Enciclopédia*. O sr. Génin acaba de escrever sobre ele uma nota, que todo mundo achará engenhosa, brilhante, repleta de diversão e de encanto. Acho-a penetrante, ela vai ao fundo da questão". (MICHELET. 1989. P. 69)

gração da Revolução Francesa. Entretanto, não podemos dizer que o resultado dessas lutas se materializaram na prática humana tal como foram sonhadas, mas, sem exceção, todas elas, entre o século XVIII e o XIX, se efetivaram com menor ou maior grau de sucesso. Obviamente que a produção intelectual francesa do século XVIII, por si

só não teria desencadeado um bom combate. Elas se realizaram na medida em que se articularam as causas centrais e complementares de que Alves fala em seu livro *A produção da Escola Pública Contemporânea*. Em outro dizer, as propostas intelectualmente produzidas em articulação com as condições materiais para sua realização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Gilberto Luiz. *O pensamento burguês no Seminário de Olinda: 1800-1836*. Ibitinga, SP: Humanidades, 1993.
- ALVES, Gilberto Luiz. *A produção da escola pública contemporânea*. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação/UNICAMP, 1998 .
- BOTO, Carlota. *A escola do homem novo: entre o iluminismo e a Revolução Francesa*. São Paulo: Editora da universidade Estadual Paulista, 1996.
- BOWNS, Robert. B. *Fundamentos do pensamento moderno: obras básicas*. Trad. De Hilda Pereto Soares Maciel. Encyclopaedia, 1969.
- COMÊNIO, João Amós. *Didática magna*. Tradução do texto latino da Didática Magna de Comênio contido no tomo I das Opera Didactica Omnia. 4^o. Edição. Academia Scientiarum Bohemoslovenica: Praga, 1957
- CONDORCET, Jean-Antonio-Nicolas de Caritat. *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Título original: Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain. Campinas/ SP: Editora da Unicamp, 1993.
- CASSIRER, Ernst. *Filosofia de la ilustracion*. Tradución de Eúgenio Imaz. Título Original: Philosophie der Aufklarung (1^a edição em alemão, 1932). México, D.F. : Fundo de Cultura Economica, 1943.
- DIDEROT, Denis. *Textos escolhidos*. Tradução e notas de Marilena de Souza Chauí, J.Guinsburg. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- DIDEROT, Denis. *Escritos filosóficos*. Introduccion, traduccion y notas de Fernando Savater. Madrid (Espana): Editora Nacional, 1983.
- DURKHEIM, Emile. *A evolução pedagógica*. Tradução de Bruno Charles Magne. Título Original em francês L'évolution pédagogique en France (1938). Porto Alegre, RS: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1995.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução : Carlos Nelson Coutinho. Título Original: Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.
- LOPES, Eliane Maria Santos Teixeira. *Origens da educação pública: a instrução na Revolução Burguesa do século XVIII*. São Paulo : Edições Loyola, 1981.
- LUZURIAGA, Lorenzo. *História da educação e da pedagogia*. Tradução e notas de Luiz Damasco Penna e J.B. Damasco Penna. Do original espanhol Historia de la educación y de la pedagogia. (Publicaciones de la Revista de Pedagogia) da Editorial Losada S.A., Buenos Aires, em 1951; 3^a ed. Em 1959 (base desta edição em língua portuguesa). São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1969.
- MANACORDA, Mario Alighiero. *História da educação : da antigüidade aos nossos dias*. Tradução de Gaetano Lo Monaco. Título Original italiano: STORIA DELL'EDUCAZIONE dall'antichità a oggi. São Paulo : Cortez, 1996.
- MARX, Karl. *Para à critica da economia política; salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes: a economia vulgar*. Introdução de Jacob Gorender; traduções de Edgard Malagodi...(et al). Os Economistas - São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. Publicada originalmente em alemão com o título DIE DEUTSCHE IDEOLOGIE (ERSTER TEIL). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1989.
- MICHELET, Jules. *História da Revolução Francesa: da queda da bastilha à festa da federação*. Tradução de Maria Lucia Machado. Título Original: "Histoire de la Révolution française". São Paulo : Companhia das Letras : Círculo do Livro, 1989.